

C. W. LEADBEATER

OS
SONHOS

O que são e quais as suas causas.



Pensamento

OS SONHOS:

O que são e quais as suas causas

C.W. Leadbeater

Pensamento

(Contracapa)

Este volume estuda os sonhos. Trata-se de um dos mais completos, bem fundamentados e claros ensaios elaborado por um famoso pesquisador que se fez conhecido tanto por seus dotes supranormais quanto pelos amadurecidos métodos didáticos que difundiu. De maneira agradável, Leadbeater revela para nós os complexos mecanismos do sonho e do sono, em particular os fatores que os determinam, os fenômenos ilustrativos da dramatização, da previsão e seus diversos simbolismos. Define, além disso, o que é a visão despida de fantasias, distinguindo os sonhos proféticos dos simbólicos, os nítidos e coerentes dos confusos e caóticos, além de comentar as várias experiências levadas a cabo sobre o estado onírico, para, finalmente, explicar-nos os modos de preparar tanto a nossa parte física quanto a psíquica tendo em vista a obtenção de sonhos confiáveis e iluminadores. Como vêem, trata-se de um pequeno volume capaz de auxiliar qualquer pessoa, que, de fato, se interesse em conhecer, esmiuçar e cultivar, pela via regia dos sonhos, o precioso mundo interior existente em cada um de nós.

SUMÁRIO

Capítulo I	4
INTRODUÇÃO	4
Capítulo II.....	6
O MECANISMO	6
1.Físico.....	6
2. Etérico.....	6
3. Astral	9
Capítulo III	11
O EGO	11
Capítulo IV	15
O SONO.....	15
1.O Cérebro.....	15
2. O Cérebro Etérico.....	18
3. O Corpo Astral	20
4. O Ego no Sono.....	21
O Ego e sua Transcendental Medida do Tempo.....	22
Exemplos Ilustrativos.....	23
O Poder de Dramatização	25
Faculdades de Previsão	26
Alguns Exemplos	28
O Pensamento Simbólico.....	30
5. Os Fatores dos Sonhos	31
Capítulo V	32
OS SONHOS.....	32
1.A Visão Verdadeira	32
2. O Sonho Profético.....	32
3. O Sonho Simbólico	34
4. O Sonho Nítido e Coerente.....	35
5. O Sonho Confuso.....	36
Capitulo VI	38
EXPERIÊNCIAS SOBRE O ESTADO DE SONHO	38
Capítulo VII.....	42
CONCLUSÃO	42

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Muitos dos assuntos com os quais os estudos teosóficos nos põem em contato acham-se distanciados das experiências e dos interesses da vida cotidiana. E a tal ponto se distanciam que, apesar de nos sentirmos arrastados até eles por uma atração que aumenta em progressão geométrica quanto mais os conhecemos e compreendemos, ficamos, no fundo de nossa mente, possuídos, por assim dizer, de um vago sentimento de irrealidade, ou, pelo menos, de inacessibilidade, durante o tempo em que deles nos ocupamos. Quando lemos sobre a formação do Sistema Solar, ou sobre os Anéis e Rondas de nossa própria Cadeia Planetária, não podemos deixar de sentir que o seu estudo, conquanto abstrato, é interessante e útil, por nos mostrar como o homem veio a ser o que é, embora só indiretamente se relacione com a vida que estamos vivendo aqui e agora. Nada há, contudo, que se oponha ao presente estudo: todos os leitores destas páginas tiveram sonhos; é mesmo provável que muitos deles sonhem freqüentemente. Podem estar, portanto, interessados na explicação dos fenômenos do sonho com a ajuda da luz projetada pela investigação ao longo das linhas teosóficas.

O método mais conveniente em que podemos dispor os vários aspectos do nosso assunto será talvez o seguinte: primeiro, considerar cuidadosamente o mecanismo — físico, etérico e astral — por meio do qual as impressões são transmitidas à nossa consciência; segundo, ver como a consciência, por sua vez, influencia e utiliza esse mecanismo; terceiro, notar o estado tanto da consciência como do seu mecanismo durante o sono; e, quarto, investigar como são, em consequência, produzidos os diversos tipos de sonho no homem.

Porque estou escrevendo para estudantes de teosofia em geral, sentir-me-ei em liberdade para usar, sem maiores explicações, os termos teosóficos usuais, que presumo lhes sejam familiares — pois de outro modo o meu pequeno livro excederia

de muito os lindes prefixados. Se, entretanto, ele cair em mãos de leitor para quem o uso ocasional desses termos represente alguma dificuldade, apresentar-lhe-ei minhas escusas, reportando-me, para esclarecimentos preliminares, a qualquer das obras elementares sobre teosofia, como as da Sra. Annie Besant *A Sabedoria Antiga e O Homem e Seus Corpos*.

CAPÍTULO II

O MECANISMO

1. FÍSICO

Falaremos em primeiro lugar sobre a parte física do mecanismo.

Temos em nosso corpo um grande eixo central de matéria nervosa, que termina no cérebro; deste se irradia uma rede de fios de nervos em todas as direções.

São esses fios de nervos, segundo a moderna teoria científica, que, por suas vibrações, transmitem ao cérebro as impressões de fora. O cérebro, recebendo tais impressões, as traduz em sensações ou percepções; de modo que, se eu ponho a mão em algum objeto e sinto que está quente, não é realmente a minha mão que sente, mas o meu cérebro, que está recebendo a informação que lhe comunicam as vibrações por intermédio de seus fios telegráficos, os feixes de nervos.

Importa igualmente considerar que todos os fios nervosos do corpo têm a mesma constituição, e que o feixe especial chamado nervo óptico — que transmite ao cérebro as impressões produzidas sobre a retina, e assim nos habilita a ver — difere dos feixes nervosos da mão ou difíceis de vencer; conforme vamos ver, o papel que ela representa é ainda mais importante durante o sono que no estado de vigília.

2. ETÉRICO

Mas não é apenas por intermédio do cérebro (*como acabamos de mencionar*), que as impressões podem ser recebidas pelo homem. Quase exatamente coextensivo, e interpenetrando sua forma visível, há o duplo etérico (*anteriormente chamado **linga sharira** na literatura teosófica*), o qual também tem

um cérebro, que é, em verdade, não menos físico que o outro, embora composto de matéria em estado mais sutil que o gasoso.

Se examinarmos com a faculdade psíquica o corpo de um recém-nascido, vê-lo-emos permeado, não só por matéria astral de todos os graus de densidade, como ainda por diferentes graus de matéria etérica; e, se nos dermos ao trabalho de retroceder o nosso exame desses corpos interiores até sua origem, veremos que foi com esta última matéria que os agentes dos Senhores do *Karma* fizeram o duplo etérico (*o molde para a construção do corpo físico*); ao passo que a matéria astral, o ego descendente a incorporou - não, é claro, de modo consciente, mas por ação automática — em sua passagem pelo mundo astral, e é, de fato, o mero desenvolvimento, nesse plano, de tendências cujas sementes ficaram nele adormecidas durante suas experiências no mundo celeste, nível em que era impossível germinarem por falta de matéria em grau adequado à sua expressão.

Já se tem dito que o duplo etérico é o veículo da vida no homem, ou da força vital (*Prana*, em *sânscrito*), e todo aquele que tem faculdades psíquicas desenvolvidas pode ver exatamente como isso ocorre. Verá o princípio-vida quase incolor, embora intensamente luminoso e ativo, que é constantemente difundido na atmosfera da terra pelo sol. Verá como a parte etérica do baço, no exercício de sua admirável função, absorve essa vida universal, especializando-a em *Prana* a fim de ser mais prontamente assimilável pelo corpo; como o *Prana* percorre todo o corpo ao longo dos fios nervosos, sob a forma de minúsculos glóbulos de agradável cor rósea, produzindo o calor da vida, a saúde e a atividade, para penetrar os átomos do duplo etérico; e como, quando as partículas róseas são absorvidas, o éter vital supérfluo finalmente se irradia do corpo em todas as direções como luz de cor azul-claro.

Se ele examinar depois a ação desse éter vital, terá logo razão para acreditar que a transmissão de impressões ao cérebro depende mais do seu fluxo regular ao longo da parte etérica dos fios nervosos que da mera vibração das partículas de sua porção mais densa e visível, como geralmente se supõe.

Ocuparia demasiado espaço descrever todas as experiências que comprovam essa teoria; bastará a indicação de uma ou duas mais simples para demonstrar-lhes as linhas direcionais.

Quando um dedo fica inteiramente entorpecido pelo frio, é incapaz de sentir; e o mesmo fenômeno de insensibilidade pode facilmente ser produzido por um hipnotizador; este, por meio de alguns passes sobre o braço do hipnotizado, consegue levá-lo a uma condição em que pode ser espetado por uma agulha sem a mínima sensação de dor. Por que o hipnotizado nada sente em nenhum desses dois casos? Os fios nervosos ainda estão lá; no primeiro caso foram, no entanto, paralisados pelo frio e pela ausência de sangue nos vasos — pode-se afirmar; mas essa não será certamente a causa no segundo caso, em que o braço conserva sua temperatura normal e o sangue circula como habitualmente.

Se recorrermos à ajuda do clarividente, será possível obtermos uma explicação mais próxima da realidade. Dirá ele que a razão de parecer morto o dedo congelado e ser o sangue incapaz de circular pelos vasos está em que o éter vital deixou de fluir pelos fios nervosos; pois devemos lembrar-nos de que, apesar de, à vista ordinária, ser invisível a matéria no estado etérico, é ela ainda puramente física e está, por isso, sujeita a sofrer a influência do frio ou do calor.

No segundo caso, dirá que, ao fazer os passes que insensibilizam o braço do hipnotizado, o que o hipnotizador realmente faz é infundir o seu próprio éter nervoso no braço (*ou o seu magnetismo, conforme se tem denominado*), afastando assim o do hipnotizado. O braço está ainda ativo e com vida, porque através dele flui o éter vital; mas, porque já não é o próprio éter vital do hipnotizado e não se acha, portanto, *en rapport* com o cérebro deste, não transmite nenhuma informação ao mesmo cérebro, deixando, conseqüentemente, de haver sensação no braço.

Parece então evidente que, embora não seja absolutamente o próprio éter vital que realiza o trabalho de transportar as impressões externas para o cérebro do homem, a presença dele, especializada por esse mesmo homem, é decerto necessária para aquela transmissão ao longo dos fios nervosos.

Ora, assim como qualquer mudança na circulação do sangue influi na receptividade da matéria mais densa do cérebro, modificando a confiança das impressões vindas por seu intermédio, do mesmo modo as mudanças no volume ou na velocidade dessas correntes de vida exercem influência na parte etérica do cérebro.

Por exemplo: quando a quantidade de éter nervoso especializado pelo braço cai, por alguma razão, abaixo da média, imediatamente se faz sentir fraqueza ou

cansaço físico; e se, em tais circunstâncias, acontece também que é aumentada a velocidade de sua circulação, o homem se torna supersensível, altamente irritadiço e mesmo histérico; e, sendo ele, em semelhante estado, muito mais sensível do que normalmente, às impressões físicas, essa é a razão por que uma pessoa doente pode ter visões ou ver aparições completamente imperceptíveis a outrem de boa saúde.

Se, por outro lado, o volume e a velocidade do éter vital são reduzidos ao mesmo tempo, o homem experimenta forte cansaço, fica menos sensível às influências externas e com uma sensação geral de extrema debilidade para prestar maior atenção ao que lhe sucede.

É preciso lembrar que a matéria etérica de que falamos e a matéria mais densa geralmente reconhecida como pertencente ao cérebro são, ambas, em verdade, partes de um só e mesmo organismo físico; e que, portanto, qualquer alteração em uma delas repercute instantaneamente na outra. Não pode haver, por conseguinte, certeza de que as impressões serão corretamente transmitidas por meio desse mecanismo, a menos que suas partes estejam ambas operando em completa normalidade; o funcionamento irregular de uma pode facilmente entorpecer ou perturbar a receptividade do mecanismo, empinando ou retorcendo as imagens que lhe são apresentadas. Além disso, como vai ser agora explicado, é ele muito mais sujeito a tais aberrações durante o sono que no estado de vigília.

3. ASTRAL

Outro mecanismo a ser ainda considerado é o corpo astral, comumente chamado corpo de desejos.

Como seu nome indica, este veículo se compõe de matéria astral exclusivamente, e é, com efeito, a expressão do homem no plano astral, assim como o corpo físico o é nos níveis inferiores do plano físico.

Ao estudante de teosofia será poupada boa dose de dificuldade se aprender a olhar esses diferentes veículos simplesmente como a manifestação atual do ego nos respectivos planos; se compreender, por exemplo, que o corpo causal (*por vezes chamado **ovo áurico***) é o veículo real do ego reencarnante e onde ele habita

enquanto permanece no plano que é sua verdadeira casa: os níveis superiores do mundo mental; mas que, ao descer aos níveis inferiores, deve o ego, a fim de neles poder funcionar, revestir-se de matéria correspondente, matéria que, assim atraída, lhe fornece o corpo mental. De forma semelhante, descendo ao plano astral, forma o corpo astral, ou corpo de desejos, com a matéria respectiva, sem embargo de reter ainda, como é óbvio, todos os outros corpos. Com a descida subsequente ao plano íntimo, forma-se o corpo físico no centro do ovo áurico, que contém assim o homem completo.

O veículo astral é ainda mais sensível às impressões externas que os corpos grosseiro e etérico, pois é ele a própria sede de todos os desejos e emoções — o elo de ligação através do qual, unicamente, pode o ego colher as experiências da vida física. É o corpo astral peculiarmente suscetível à influência das correntes de pensamento que passam, e, quando a mente não exerce o necessário domínio sobre ele, está recebendo perpetuamente esses estímulos de fora, aos quais responde com ardência.

Também este mecanismo, como os outros, deixa-se influenciar mais facilmente durante o sono do corpo físico. Várias observações o demonstram. Sugestivo exemplo é o caso recentemente relatado ao autor, sobre as dificuldades que um homem enfrentou para regenerar-se da bebida. Após longo período de abstinência, conseguiu sufocar inteiramente o desejo físico do álcool, a ponto de, em seu estado de vigília, sentir absoluta repulsa por ele. Verificou, porém, que amiúde ainda sonhava estar bebendo; e durante o sonho sentia renascer o antigo e horrível prazer de tal degradação. De dia, aparentemente, o desejo era mantido sob o freio da vontade, e formas-pensamento ou elementais transeuntes eram incapazes de lhe causar alguma impressão; mas no sonho, sentindo-se liberado, o corpo astral escapava do domínio do ego, e de tal modo reassumia sua natural e extrema suscetibilidade, que facilmente se tornava presa das influências nocivas — daí o imaginar experimentando mais uma vez os deleites mórbidos do detestável vício.

CAPÍTULO III

O EGO

As diferentes peças do mecanismo são todas realmente meros instrumentos do ego, conquanto o domínio deste sobre elas esteja ainda muito incipiente. Importa, por isso, ter sempre presente que o ego é uma entidade em desenvolvimento, não passando, na maioria de nós, de simples germe do que um dia virá a ser.

Diz uma estância do Livro de *Dzyarr*: "*Aqueles que não receberam senão uma centelha permaneceram desprovidos de entendimento: a centelha brilhava debilmente*"; e a Sra. Blavatsky explica: "*Aqueles que não receberam senão uma centelha constituem a massa humana que tem de adquirir sua intelectualidade durante a presente evolução manvatárica*" (*A Doutrina Secreta, II, 177*)¹. No caso da maioria, a centelha está ardendo ainda frouxamente, e muitas eras transcorrerão antes que o seu lento crescimento alcance o estágio de uma chama fixa e resplandecente.

É verdade que na literatura teosófica há passagens que parecem dar a entender que o nosso ego superior não precisa de evolução, sendo já perfeito e divino em seu próprio plano; mas, onde quer que tais expressões tenham sido usadas, seja qual for a terminologia empregada, devem aplicar-se tão-somente ao *Atma*, o verdadeiro deus dentro de nós, que certamente está muito além da necessidade de qualquer espécie de evolução de que possamos saber algo.

O ego reencarnante sem dúvida evoluciona, podendo o processo de sua evolução ser claramente visto pelos que desenvolveram a visão clarividente, na medida necessária à percepção do que existe nos níveis superiores do plano mental. Como já foi observado, é de matéria desse plano (*se é que lhe podemos dar o nome de matéria*) que se compõe o corpo causal, relativamente permanente, que o ego leva consigo de nascimento em nascimento até o final do estágio evolutivo humano. Mas, embora todo ser individualizado deva possuir necessariamente corpo causal (*pois é sua posse que constitui a individualização*), a aparência desse corpo

¹ Volume V. Pgs 246 e 256, da tradução portuguesa (Nota do Tradutor)

não é a mesma em todos os casos: no homem comum, não desenvolvido, seus contornos são imprecisos, e mal o distinguem até mesmo aqueles dotados de visão que lhes descobre os segredos daquele plano: porquanto não passa de simples película incolor — apenas o bastante para manter sua coesão e constituir uma individualidade reencarnante, e não mais (*veja-se: O Homem Visível e Invisível, lâminas V e VIII*).

Logo, porém, que o homem principia a desenvolver sua espiritualidade, ou mesmo o intelecto superior, sobrevém uma mudança. O indivíduo real começa a ter uma característica própria, à parte das que foram modeladas em cada uma de suas personalidades pelas circunstâncias ambientais, inclusive a educação: e aquela característica é representada pelo tamanho, cor, luminosidade e precisão do corpo causal, do mesmo modo que a da personalidade se mostra no corpo mental — com a diferença de que o primeiro veículo superior é naturalmente mais belo e mais sutil (*veja-se: Ibidem, lâmina XXI*).

Sob outro aspecto difere também dos corpos inferiores: em nenhuma das circunstâncias ordinárias pode o mal manifestar-se através dele. O pior dos homens há de mostrar-se nesse plano superior somente como entidade não desenvolvida; os seus vícios, ainda que transmitidos vida após vida, não podem macular o invólucro superior — apenas tornarão mais difícil o aprimoramento das virtudes opostas.

Por outro lado, a perseverança no caminho reto logo se reflete no corpo causal; no caso do discípulo que fez progresso na Senda da Santidade, é uma visão maravilhosa que transcende toda concepção terrena (*Ibid., lâmina XXVI*); e, no de um Adepto, é uma deslumbrante esfera de luz e de vida, cuja glória radiante não há palavras que descrevam. Aquele que já contemplou uma vez espetáculo assim tão sublime e pôde também ver ao seu redor indivíduos em todas as fases de desenvolvimento entre essa e a película incolor da pessoa vulgar, jamais alimentará dúvidas quanto à evolução do ego reencarnante.

O poder que tem o ego sobre os seus diversos instrumentos e, portanto, a influência que neles exerce são naturalmente pouco apreciáveis em seus estágios iniciais. Nem sua mente nem suas paixões estão sob o seu comando total; em verdade, o homem comum quase não faz esforço para os frear — mas se deixa levar por aqui e por ali como sugerem seus pensamentos ou desejos de ordem inferior. Dai por que no sono as diferentes peças do mecanismo se acham livres

para operar quase inteiramente por conta própria, sem dependência do ego, e o estágio do seu progresso espiritual é um dos fatores que temos de ponderar na questão dos sonhos.

É importante considerarmos também a parte que o ego desempenha na formação de nossas concepções dos objetos externos. Devemos lembrar que as vibrações dos fios nervosos simplesmente se limitam a comunicar impressões ao cérebro, e que pertence ao ego, atuando por intermédio da mente, a tarefa de as classificar, combinar e recombinar.

Quando, por exemplo, eu olho pela janela e vejo uma casa e uma árvore, imediatamente as identifico — embora a informação a mim transmitida pelos olhos seja, por si só, insuficiente para essa identificação. O que sucede é que certos raios luminosos (*isto é, correntes de éter vibrando em determinada escala*) são refletidos daqueles objetos e ferem a retina do meu olho, e os fios nervosos sensíveis se incumbem de conduzir as vibrações ao cérebro.

Mas que é que eles nos têm a dizer? A informação que realmente transmitem é a de que em determinada direção existem pequenos blocos de cores várias, limitados por contornos mais ou menos definidos. É a mente que, em virtude de sua experiência passada, é capaz de discernir que um objeto particular de superfície branca representa uma casa, e outro rodeado de verde, uma árvore; e que são ambos, provavelmente, de uma ou outra ordem de grandeza, situando-se a esta ou àquela distância de onde me encontro.

Aquele que, cego de nascença, adquire a visão por meio de uma operação fíca, durante algum tempo, sem saber o que são os objetos que vê, e não pode ajuizar a que distância se acham. Dá-se o mesmo com um recém-nascido: vemo-lo muitas vezes querendo agarrar coisas que estão fora do seu alcance (*a lua, por exemplo*); mas à medida que vai crescendo, aprende inconscientemente, pela experiência repetida, a julgar instintivamente a distância e o tamanho prováveis da forma vista. E até pessoas adultas podem, com facilidade, enganar-se quanto á distância e dimensão de qualquer objeto que não lhe seja familiar, especialmente se o vê à luz difusa e incerta.

Compreende-se, portanto, que a visão, só por si, não é um .absoluto suficiente para uma percepção exata; e que o discernimento do ego, atuando por intermédio da mente, é que conduz à identificação da coisa vista. E esse

discernimento, além disso, não é um instinto peculiar da mente, perfeito desde o início, mas o resultado da comparação inconsciente de muitas experiências — pontos que devem ser objeto de cuidadosa atenção quando chegarmos à próxima divisão de nosso assunto.

CAPÍTULO IV

O SONO

Quando o homem entra em sono profundo, conforme abundante testemunho da observação clarividente, os princípios superiores, com o veículo astral, invariavelmente se ausentam do corpo físico, em cujas proximidades ficam pairando. É, em verdade, ao processo desse afastamento que geralmente chamamos "*ir dormir*". Ao considerar o fenômeno dos sonhos, devemos portanto ter em mente essa situação, para vermos como ela influi no ego e em seus vários mecanismos.

Assim, no caso que vamos examinar, presumimos que o nosso sujeito está imerso em sono profundo, permanecendo o corpo físico quieto na cama (*inclusive aquela sua parte sutil que se costuma chamar duplo etérico*) - enquanto o ego, no corpo astral, flutua em cima com a mesma tranqüilidade. Qual será, em tais circunstâncias, a condição e a consciência daqueles diversos princípios?

1.0 CÉREBRO

Quando o ego deixou assim, por algum tempo, de comandar o cérebro, não perdeu este inteiramente a consciência, como talvez se pudesse esperar. Evidenciou-se em várias experiências que o corpo físico é dotado de uma vaga consciência intrínseca, inteiramente distinta da do ego e distinta também do mero agregado da consciência de suas células.

Observou o autor, por várias vezes, o efeito dessa consciência, ao presenciar uma extração de dente sob a ação de gás anestésico. O corpo deixou escapar um grito confuso e as mãos se ergueram num movimento instintivo, indicando claramente que até certo ponto foi sentida a operação. Mas, quando o ego reassumiu o comando vinte minutos depois, declarou que não havia sentido absolutamente nada. Sei que tais movimentos são em geral atribuídos à "*ação reflexa*", e semelhante afirmação costuma ser aceita como se fosse uma explicação

real; a verdade, porém, é que não passa de uma frase, cujas palavras não esclarecem nada do que realmente se passou.

Tal consciência, portanto, ainda funciona no cérebro físico, não obstante o ego flutuar acima dele; mas o seu alcance é sem dúvida muito menor que o do homem propriamente dito e, conseqüentemente, todas aquelas causas antes mencionadas como de provável repercussão na atividade do cérebro são então capazes de influenciá-lo em muito maior escala. A mais ligeira alteração no suprimento ou na circulação do sangue produz agora graves transtornos, e é por isso que a indigestão, perturbando o fluxo sangüíneo, dá origem a sonhos agitados ou maus sonhos, freqüentemente.

Mas, ainda quando inalterada, essa estranha e desordenada consciência apresenta muitas peculiaridades dignas de nota. Sua ação parece, em grande extensão, automática, e os resultados habitualmente incoerentes, desconexos e confusos em extremo. Parece incapaz de apreender uma idéia, exceto quando reveste a forma de uma cena em que é o próprio ator; e daí por que todos os estímulos, sejam de dentro ou de fora, são imediatamente traduzidos em imagens perceptuais. É inábil para assimilar idéias abstratas ou reter lembranças dessa ordem, as quais se convertem incontinenti em noções imaginárias. Se, por exemplo, a idéia de glória puder ser sugerida a essa consciência, não tomará forma senão como a visão de algum ser glorioso aparecendo diante do sonhador; se for um pensamento de ódio, este somente será apreciado como a cena na qual um ator imaginário manifestou violento rancor para com o sonhador.

Além disso, toda direção local do pensamento significa para ele, de modo absoluto, um transporte espacial. Se, durante as horas de vigília, pensamos na China ou no Japão, é como se o nosso pensamento no mesmo instante estivesse naqueles países; no entanto, sabemos perfeitamente que o nosso corpo não saiu de onde se encontrava um momento antes. No estado de consciência ora considerado, o ego não se acha presente para distinguir e comparar as impressões mais grosseiras, por conseguinte, qualquer pensamento transitório, sugerindo a China ou o Japão, pode representar-se apenas como um transporte instantâneo e efetivo para aqueles países, e o sonhador ali se encontraria, de repente, cercado de todas as circunstâncias próprias de que pudesse acaso lembrar-se.

Tem-se notado que, enquanto espantosas transições dessa espécie são demasiado freqüentes nos sonhos, jamais o sonhador parece sentir qualquer surpresa ante o imprevisto delas. Este fenômeno é facilmente explicável quando examinado à luz de observações como as presentes, porque na restrita consciência do cérebro físico não existe nada que possa comportar tal sentimento de surpresa: simplesmente ele percebe as cenas como se apresentam à sua frente, carecendo de discernimento para ajuizar de sua seqüência ou da falta dela.

Outra fonte de extraordinária confusão visível nesta semiconsciência é a maneira por que nela opera a lei de associação de idéias. É familiar a todos nós a notável ação instantânea desta lei na vida de vigília; sabemos como uma palavra casual — um acorde musical — até mesmo o perfume de uma flor — pode ser suficiente para redespertar na mente uma cadeia de lembranças há muito esquecidas.

Ora, no cérebro adormecido essa lei está sempre ativa, mas funciona sob curiosas limitações. Todas as associações de idéias, abstratas ou concretas, convertem-se em mera combinação de imagens; e, porque a nossa associação de idéias atua quase sempre por sincronismo, em forma de acontecimentos que se sucedem uns aos outros, embora realmente sem nenhuma interconexão, facilmente se concebe como é comum a ocorrência de inextricável confusão nessas imagens, tanto mais que é praticamente infinito o seu número, e tudo o que se pode extrair do imenso reservatório da memória aparece sob a forma de imagens.

Como é natural, uma tal sucessão de quadros raramente permite uma reconstituição perfeita na memória, porque não a ajuda a ausência de ordem; à diferença do que sucede na vida de vigília, em que não há dificuldade para lembrar uma frase ou um verso associados, ainda quando ouvidos só uma vez; ao passo que sem recorrer a um sistema mnemônico seria quase impossível reconstituir com exatidão um simples aglomerado de palavras sem sentido, em circunstâncias semelhantes.

Outra peculiaridade dessa curiosa consciência do cérebro é que, singularmente sensível às mais leves influências externas, ela ainda as aumenta e deturpa a um grau quase incrível. Todos os que escreveram a respeito dos sonhos citam exemplos disso; e com certeza alguns destes serão do conhecimento de quantos hão dedicado atenção a este assunto.

Eis, entre as histórias mais comuns que se têm ouvido, a de um homem que teve o sonho angustioso de estar sendo enforcado porque o seu colarinho era demasiado justo; a de outro que exagerou o ferimento que lhe foi inflingido em um duelo; e a de outro que transformou um pequeno beliscão em mordedura de animal feroz. Maury conta que certa vez a barra da cabeceira da cama em que dormia se soltou, tocando levemente em seu pescoço, mas que este insignificante contato deu origem a um terrível sonho sobre a Revolução Francesa, em que lhe parecia estar morrendo na guilhotina.

Relata outro autor que muitas vezes acorda com a lembrança confusa de sonhos cheios de ruídos, vozes altas e sons trovejantes, e que durante muito tempo não lhe foi possível descobrir a causa; mas afinal conseguiu relacioná-los com o som murmurante produzido no ouvido (*talvez pela circulação do sangue*), quando virado sobre o travesseiro, qual o murmúrio — um pouco mais alto — que se ouve quando uma concha é encostada ao ouvido.

Neste ponto já se terá evidenciado que é no próprio cérebro físico que tem sede um sem-número de exageros e confusões nas histórias de muitos dos fenômenos oníricos.

2. O CÉREBRO ETÉRICO

Far-se-á óbvio que esta parte do organismo, tão sensível a todas as influências, inclusive durante as nossas horas de vigília, deve ser ainda mais suscetível quando no estado de sono.

Examinando o cérebro etérico em tais circunstâncias por um clarividente, observou-se que por ele estão sempre passando correntes de pensamentos; não de pensamentos próprios, pois lhe falta o poder de pensar — mas de pensamentos ocasionais que flutuam em derredor.

É uma verdade perfeitamente conhecida dos estudantes de ocultismo que "*os pensamentos são coisas*" porque todo pensamento fica impresso na essência elemental plástica, e gera uma entidade com vida temporária, cuja duração depende da energia do pensamento-impulso. Vivemos, portanto, no meio de um oceano de

pensamentos alheios, os quais, estejamos acordados ou dormindo, apresentam-se constantemente à parte etérica do nosso cérebro.

Enquanto estamos ativamente pensando, e temos assim o nosso cérebro plenamente ocupado, ele se torna praticamente impermeável à incessante intromissão de pensamentos de fora; mas, a partir do momento em que o deixamos ocioso, a corrente caótica principia sua invasão. Entre os pensamentos há muitos que não são assimiláveis e passam quase despercebidos; de quando em quando, porém, sobrevém um que provoca vibrações a que não está habituada a parte etérica do cérebro, e este logo o incorpora como próprio e aumenta-lhe a intensidade. Tal pensamento, por sua vez, sugere outro, e assim toda uma série de idéias tem início, até que, eventualmente, também se dissipam. Então, a corrente desconexa e confusa recomeça a fluir através do cérebro.

A grande maioria das pessoas,- se prestarem atenção ao que habitualmente consideram seus pensamentos íntimos, verão que eles consistem, em ampla escala, de uma corrente ocasional como aquela — que em verdade não é de pensamentos próprios, mas se compõe de meros fragmentos dispersos dos de outras pessoas. Porque o homem ordinário não tem dom mio sobre a mente; quase nunca sabe exatamente o que está pensando em determinado momento ou por que lhe vem tal ou qual pensamento; em vez de orientar a mente para um rumo certo, consente que ela vagueie à vontade ou sem objetivo. E, assim, qualquer semente adventícia tangida pelos ventos encontra terreno propício para germinar e frutificar.

O resultado é que, ainda quando o ego realmente deseje alguma vez pensar ordenadamente sobre um assunto particular, vê-se praticamente impossibilitado de o fazer; de um para outro lado convergem subitamente todos os tipos de pensamentos errantes, e, não habituado a comandar a mente, carece de forças para deter a caudal. Não sabe que o verdadeiro pensamento se caracteriza pela concentração; e, não havendo esta, aquela debilidade da mente e da vontade faz com que, para o homem comum, sejam tão difíceis os primeiros passos na senda do progresso oculto. Além disso, já que no presente estado de evolução do mundo há provavelmente mais pensamentos maus do que bons em circulação ao redor dele, semelhante fraqueza da mente torna o homem exposto a toda sorte de tentações, que seriam de todo evitadas se houvesse um pouco de atenção e esforço.

No sono, então, a parte etérica do cérebro se acha ainda, mais que normalmente, à mercê daquelas correntes de pensamento, uma vez que nessa ocasião o ego está em associação menos íntima com ele.

Fato curioso mostrado em experiências recentes é que, se por qualquer circunstância são essas correntes afastadas da parte etérica do cérebro, este não permanece absolutamente passivo, mas começa a evocar para si mesmo cenas do seu armazém de memórias passadas. Mais adiante daremos exemplos nesse sentido, descrevendo algumas das experiências.

3. O CORPO ASTRAL

Como acima dissemos, é neste veículo que o ego funciona durante o sono e é geralmente visto (*por aqueles cuja visão interna esteja aberta*) pairando no ar acima do corpo físico na cama. Sua aparência, no entanto, varia bastante, segundo o grau de adiantamento alcançado pelo ego. No caso de um ser humano atrasado e ainda por desenvolver-se, não é mais que uma nuvem vaporosa e imperfeita de forma ovóide, de contornos muito irregulares e mal definidos; e a figura central (*a contraparte astral mais densa do corpo físico*), rodeada pela nuvem, é também vaga, apesar de quase sempre reconhecível.

O corpo astral só é receptivo às vibrações mais grosseiras e impetuosas do desejo, e é incapaz de afastar-se além de alguns metros do seu corpo físico; mas, à medida que se adianta em evolução, a nuvem ovóide vai ganhando contornos mais definidos, enquanto a figura no interior assume o aspecto de uma imagem quase perfeita do corpo físico.

Ao mesmo tempo aumenta sua receptividade e passa ele a responder instantaneamente a todas as vibrações do seu plano, desde a mais sutil à mais abjeta — se bem que no corpo astral de um ser humano altamente evolucionado já não existe praticamente matéria grosseira para responder às vibrações do último tipo.

Faz-se maior também o seu poder de locomoção: é capaz de viajar sem dificuldade a consideráveis distâncias do invólucro físico e regressar trazendo

impressões mais ou menos exatas dos lugares visitados e das pessoas com quem se tenha encontrado.

Em todos os casos é o corpo astral extremamente impressionável por qualquer pensamento ou sugestão que implique desejo, embora em algumas pessoas os desejos de mais fácil repercussão sejam de caráter mais elevado que em outras.

4. O EGO NO SONO

A condição do corpo astral durante o sono é sobremodo variável à medida que prossegue a evolução; mas a do ego que nele habita varia ainda mais. Estando aquele sob a forma de uma nuvem que flutua, permanece o ego quase adormecido, como o corpo físico; e é cego às visões e surdo às vozes do seu próprio mundo superior. Se alguma idéia pertinente a esse mundo por acaso o alcançasse, já que lhe escapa o comando do respectivo mecanismo, não teria meios de imprimi-la no cérebro físico para que a recordasse ao despertar.

Se um homem nesse estado primitivo captasse algo de tudo aquilo que lhe sucede durante o sono, seria quase invariavelmente o resultado de meras impressões físicas, internas ou externas, recebidas pelo cérebro — esquecida qualquer possível experiência do ego real.

Em todas as fases podem ser observados os que dormem, desde a do total esquecimento das coisas até à de plena e perfeita consciência no plano astral, conquanto seja natural e relativamente rara esta última.

Até mesmo consciente o bastante das importantes experiências por que tenha muitas vezes passado nesse plano superior, pode o homem eventualmente (*o que não raro acontece*) sentir-se impotente, até certo ponto, para exercer domínio sobre o cérebro no sentido de refrear suas formas-pensamento irracionais, substituindo-as pelas que desejasse lembrar.

E, assim, uma vez desperto o corpo físico, somente resta a mais confusa lembrança, ou mesmo nenhuma, do que efetivamente lhe sucedeu. E é pena que assim seja, porque se lhe podem deparar muitas coisas da maior importância e interesse para ele.

Não só lhe é possível visitar cenários distantes de incalculável beleza, como ainda manter e trocar idéias com amigos, vivos ou mortos, que estejam igualmente despertos no plano astral. é provável que tenha a felicidade de encontrar pessoas cujos conhecimentos sejam superiores aos seus e que lhe proporcionem conselhos e instruções; pode, por outro lado, gozar do privilégio de ajudar e consolar os que sabem menos do que ele. E também entrar em contato com entidades não-humanas de várias espécies: espíritos da natureza, elementais artificiais, ou mesmo Devas (*ainda que raramente*). Estará, em suma, sujeito a vários tipos de influências, benéficas ou maléficas, encorajadoras ou apavorantes.

O EGO E SUA TRANSCENDENTAL MEDIDA DO TEMPO

Mas, quer ele guarde ou não a lembrança de alguma coisa quando fisicamente acordado, o ego dotado de plena (*ou mesmo parcial*) consciência do ambiente astral está principiando a entrar na posse do seu patrimônio de poderes — que transcendem de muito aqueles de que aqui dispõe; pois sua consciência, quando assim libertada do corpo físico, desfruta amplas possibilidades. A sua medida de tempo e espaço é totalmente diferente da que é normal em nossa vida de vigília. De nosso ponto de vista é como se para ele não existisse nem o tempo nem o espaço.

Não cabe aqui discutir (*nem desejo fazê-lo*) o tema, por mais que se afigure interessante, de poder afirmar se o tempo realmente existe ou não, ou se não passa de uma limitação de nossa consciência inferior; e se tudo a que denominamos tempo - passado, presente e futuro — "*não é senão um eterno Agora*". Quero apenas mostrar que, estando o ego livre da trava física, seja no sono, no transe ou na morte, parece adotar uma medida transcendental do tempo que nada tem de comum com a nossa medida fisiológica.

Para comprová-lo, centenas de histórias podem ser lembradas; bastará mencionar duas — uma bem antiga, relatada, creio eu, por Addison em *The Spectator*, e a outra a respeito de um acontecimento que se passou em época bem recente e que nunca foi noticiado pela imprensa.

EXEMPLOS ILUSTRATIVOS

Há no Corão, parece, a maravilhosa narração de uma visita que na manhã de certo dia fez ao céu o Profeta Maomé. Ali viu muitas e diferentes regiões, sobre as quais ouviu amplas e completas histórias; também entreteve demorados colóquios com os anjos. Entretanto, quando retornou ao corpo físico notou que a cama, de onde se levantara, estava ainda morna, e verificou que haviam decorrido apenas alguns segundos; acredito, com efeito, que não tinha acabado de correr a água de um jarro que ele entornara acidentalmente ao partir para a expedição!

A história de Addison reza que um sultão do Egito, declarando ser impossível acreditar naquilo que ouviu, passou, em tom desabrido, á apostrofar de mentirosa a narrativa do seu instrutor religioso. O instrutor, notável e erudito doutor em leis, dotado de poderes miraculosos, quis no mesmo instante provar ao incrédulo monarca que a história não era absolutamente impossível. Trouxe consigo uma grande bacia com água e pediu ao sultão que nela mergulhasse a cabeça e a retirasse o mais depressa possível.

O rei concordou em imergir a cabeça na bacia, e, para sua grande surpresa, viu-se imediatamente em um lugar que jamais conhecera — uma praia longínqua, próxima ao sopé de uma grande montanha. Depois que veio a si do assombro, a idéia mais natural que lhe passou pela mente como soberano oriental foi a de haver sido enfeitiçado; começou então a invectivar contra a inominável traição do sábio. Mas o tempo se passava; sentiu fome, e não lhe restava outra alternativa senão sair à cata de alimento nessa estranha região.

Após errar por algum tempo, deu com alguns homens que se ocupavam em derrubar árvores numa floresta, e a eles se dirigiu prontificando-se a ajudá-los. Aceitaram a proposta, e depois o levaram em sua companhia até a cidade em que residiam. Ali ficou ele morando e trabalhando durante anos; economizou dinheiro e mais tarde contraiu casamento com uma mulher rica. Passou muitos anos felizes de vida matrimonial, constituindo uma família de quatorze filhos. Mas depois que perdeu a esposa sofreu tantas adversidades que, por fim, reduzido à miséria, foi obrigado, já em idade propecta, a voltar ao antigo ofício de carregador de lenha.

Um dia, quando passeava à beira-mar, tirou a roupa e mergulhou na água para um banho. Ao erguer a cabeça e sacudir a água dos olhos, ficou pasmado de

ver-se em pé no meio de seus antigos cortesãos, com o velho instrutor ao seu lado e uma bacia de água na frente. Não é de estranhar que só depois de algum tempo lhe fosse possível acreditar que todos aqueles anos de incidentes e aventuras não passaram do sonho de um momento, provocado pela sugestão hipnótica do instrutor, e que ele realmente não fizera senão mergulhar a cabeça por um instante na bacia com água e erguê-la ato contínuo.

Uma boa história, que serve para ilustrar o que dissemos atrás; certo, porém, que não temos prova de que seja verdadeira. é, no entanto, bem diferente do que aconteceu outro dia a conhecido homem de ciência. Teve ele que se submeter à extração de dois dentes, para o que lhe foi aplicada a anestesia indicada. Interessado em problemas desse tipo, resolvera observar mui cuidadosamente suas sensações em todo o curso da operação; mas, assim que inalou o gás, dele se apoderou tal entorpecimento que logo esqueceu aquela intenção, parecendo cair em profundo sono.

Acordou na manhã seguinte, conforme supôs, e saiu, como de hábito, para retomar seus trabalhos e experiências científicas, proferir conferências em várias corporações eruditas, etc.; tudo com um exaltado sentimento de alegria e de redobrada capacidade: cada conferência representou um notável triunfo; cada experiência conduziu a novos e magníficos descobrimentos. Sucederam-se nesse ritmo os dias e as semanas, durante considerável período — embora o tempo exato não se pudesse precisar. Até que, finalmente, quando estava fazendo uma exposição perante os membros da Real Sociedade, se viu ele importunado pelo insólito comportamento de um dos presentes, que o perturbou dizendo: "*Agora tudo está terminado*"; e, detendo-se para saber o que significava tal observação, ouviu outra voz assim: "*Ambos estão fora*". Foi então que se deu conta de que se encontrava sentado na cadeira do dentista: todo aquele intenso período de atividade ele o vivera em quarenta segundos exatamente.

Pode-se dizer que nenhum desses casos foi propriamente um sonho comum. Mas ocorrências semelhantes se dão freqüentemente nos sonhos comuns, havendo, por conseguinte, inumeráveis testemunhos que o comprovam.

Steffens, um dos autores alemães que se ocuparam deste assunto, relata que, ainda menino, dormindo com o irmão, sonhou que estava sendo perseguido por terrível animal feroz em uma rua distante. Correu tomado de grande pânico e sem

poder gritar, até que alcançou uma escadaria na qual subiu; mas, exausto pela corrida e pelo terror, foi apanhado pelo animal, que o mordeu gravemente na coxa. Acordou assustado e viu então que o seu irmão o tinha beliscado na coxa.

Richers, outro escritor alemão, conta a história de um homem a quem o estampido de um tiro acordou - sendo este o desfecho de um longo sonho, no qual ele se fizera soldado, desertara e, vencido por imenso cansaço, fora capturado e submetido a processo, condenado e finalmente fuzilado. Todo esse grande drama se desenrolou até o instante em que o despertou o som do tiro.

Há também a história do homem que adormeceu numa cadeira de braços enquanto fumava um cigarro, e que, depois de sonhar com uma existência de incidentes durante anos e anos, acordou com o cigarro ainda aceso. Casos que tais poder-se-iam multiplicar em número quase infindável.

O PODER DE DRAMATIZAÇÃO

Outra notável peculiaridade do ego, a acrescentar à sua transcendental medida do tempo, é sugerida por algumas dessas histórias, e vem a ser a sua faculdade, ou talvez melhor dizendo seu hábito, de dramatização instantânea. Observar-se-á nos casos do tiro e do beliscão o que precisamente acabamos de referir: o efeito físico que despertou a pessoa surgiu como o clímax de um sonho que aparentemente se prolongou por largo espaço de tempo, conquanto em verdade obviamente sugerido pelo próprio efeito físico.

Ora, a notícia, por assim dizer, desse efeito físico, quer tenha sido um som ou um contato, foi comunicada ao cérebro pelos fios nervosos, e semelhante transmissão exige certo lapso de tempo — só uma insignificante fração de segundo, sem dúvida, mas ainda assim uma quantidade definida, que é calculável e mensurável pelos delicadíssimos instrumentos usados na moderna pesquisa científica. O ego, quando fora do corpo, é capaz de perceber com absoluta instantaneidade e sem o uso dos nervos; conseqüentemente, é sabedor do que acontece justamente naquela infinitesimal fração de segundo, antes que a informação chegue ao cérebro físico.

Nesse inapreciável espaço de tempo, parece que ele compõe uma espécie de drama ou série de cenas, que culminam e finalizam no evento que acorda o corpo físico; e após o despertar sofre a limitação dos órgãos deste corpo, tornando-se incapaz de distinguir na memória entre o subjetivo e o objetivo, e daí o imaginar haver realmente participado no drama durante o sonho.

Esse estado de coisas, contudo, parece ser peculiar ao ego que, do ponto de vista espiritual, está ainda relativamente subdesenvolvido; à medida que se processa a evolução e o homem real passa a compreender sua posição e suas responsabilidades, transcende ele a fase dos alegres passatempos da infância. Assemelha-se ao homem primitivo, que vê todo fenômeno natural sob a forma de mito: o ego não adiantado dramatiza todos os eventos que lhe caem sob as vistas. Mas o homem que alcançou a continuidade de consciência se encontra de tal modo absorvido em seu trabalho nos planos mais elevados que lhe não sobra energia para outras coisas, e por isso deixa de sonhar.

FACULDADES DE PREVISÃO

Outro resultado do método supranormal de medir o tempo consiste na possibilidade de o ego fazer previsões, dentro de certos limites. Presente, passado e futuro se lhe descerram, desde que os saiba ler; e não há dúvida que ele assim antevê sucessos de importância ou interesse para sua personalidade inferior, na qual suas tentativas de gravá-los obterão maior ou menor êxito.

No caso de um homem comum, são tremendas as dificuldades do caminho. Nem mesmo semidesperto ele se encontra; quase não exerce nenhum domínio sobre os seus diversos veículos; não pode, assim, impedir que sua mensagem seja deturpada ou de todo sobrepujada pelas ondas de desejo, pelas correntes de pensamento que perpassam na parte etérica do cérebro, ou por algum pequeno distúrbio fisiológico no corpo denso. Levando em conta tudo isso, não é de estranhar que só raramente sejam bem sucedidas as suas tentativas.

Uma ou outra vez a previsão completa e perfeita de um acontecimento é trazida com nitidez dos domínios do sonho; mas na maioria das vezes a cena chega desfigurada e irreconhecível, enquanto em outras tudo não passa de sensação

imprecisa de uma desgraça iminente, e ainda mais freqüentemente nada penetra no corpo.

Argumenta-se por vezes que, se a previsão se cumpre, deve ser mera coincidência; pois, se os fatos pudessem ser previstos, é porque estariam preordenados, não havendo então o livre-arbítrio do homem.

Sem dúvida, porém, que existe o livre-arbítrio; eis por que dissemos acima que a presciência só é possível dentro de certos limites. Nos assuntos que dizem respeito ao homem comum, provável é que essa possibilidade seja em escala mais ampla, porquanto carece ele de vontade própria desenvolvida (digamos assim) e é, por conseguinte, criatura das circunstâncias. Seu *Karma* faz com que se veja no meio de circunstâncias especiais, cuja ação sobre ele constitui o fator mais importante em sua vida, de tal modo que o seu futuro curso é previsível com certeza quase matemática.

Quando consideramos o caudal de acontecimentos sobre os quais a ação do homem tem apenas diminuta influência, e também os efeitos, há de nos parecer pouco espantoso que, no plano onde se faz visível o resultado de todas as causas atualmente em jogo, possa ser predita extensa parte do futuro, inclusive nos seus pormenores. De que tal coisa seja factível temos um sem-número de provas, não somente através dos sonhos proféticos como pela segunda-vista de habitantes do norte da Escócia e pelas predições dos clarividentes; e é nessa projeção dos efeitos a partir de causas já existentes que se baseia todo o esquema da astrologia.

Mas quando passamos a tratar com um homem desenvolvido — um homem dotado de conhecimento e vontade — então nos falha a profecia, porque já não é ele a criatura das circunstâncias, senão o senhor de quase todas elas. Em verdade, os acontecimentos principais de sua vida são dispostos de antemão pelo seu Karma passado. Contudo, a maneira pela qual ele deixa que o influenciem, o seu método de comportamento em face dos mesmos e o seu possível triunfo — isso não depende dele e não pode ser objeto de previsão, exceto como probabilidades. Os seus atos nesse sentido, por seu turno, convertem-se em causas, gerando-se, destarte, cadeias de efeitos que escapam ao ordenamento original e, por via de consequência, à exatidão do prognóstico.

Encontramos uma analogia numa simples experiência de mecânica. Se for empregada certa quantidade de força para impulsionar uma bola, ser-nos-á impossível anular ou diminuir a força, a partir do momento em que a bola entrou em movimento; mas poderemos neutralizar ou modificar-lhe o impulso mediante a aplicação de uma nova força em sentido diferente. Uma força rigorosamente igual em direção oposta fará imobilizar a bola; uma força menor reduzir-lhe-á a velocidade; e qualquer força de outro lado terá o efeito de alterar-lhe tanto a velocidade como a direção.

Eis o *modus-operandi* do destino. É óbvio que em dado momento está em jogo uma série de causas. Não havendo interferência, serão inevitáveis certos resultados — resultados que nos planos mais elevados parecem já presentes, podendo ser traçados com exatidão. Mas também é óbvio que um homem de vontade forte poderá, recorrendo ao emprego de forças novas, variar esses resultados; e tais modificações não poderiam normalmente ser previstas por um clarividente, a menos que novas forças houvessem depois entrado em ação.

ALGUNS EXEMPLOS

Dois incidentes que vieram recentemente ao conhecimento do autor representam excelentes ilustrações da possibilidade de previsão e de sua modificação por efeito de uma vontade firme.

Um cavalheiro que possui o dom da escrita automática recebeu certa vez, por esse meio, uma comunicação que se dizia procedente de uma dama com quem ele mantinha relações superficiais. Na carta mostrava-se ela muito contrariada e em estado de profunda indignação: é que, tendo preparado uma conferência que ia proferir, não havia ninguém no salão à hora marcada. Sentiu-se, por isso, frustrada na apresentação do seu discurso.

Encontrando-se com a dama alguns dias depois, e supondo que a carta se referia a um acontecimento passado, expressou-lhe ele o seu pesar pelo desapontamento. Com grande surpresa, respondeu ela que era tudo muito estranho, visto que ainda não estava pronta a conferência, sendo sua intenção pronunciá-la na próxima semana. Acrescentou esperar que a comunicação não significasse uma

profecia. Mas, ao contrário, o que ficou provado é que se tratava realmente de profecia: ninguém esteve presente no salão, a conferência não se realizou e a interessada manifestou-se contrariadíssima e aflita, tal como tinha vaticinado a escrita automática.

Que espécie de entidade inspirou a comunicação, não se sabe; mas a evidência foi uma que se situava num plano onde a previsão era possível; e bem podia ter sido realmente, como se mencionou, o próprio ego da conferencista, ansioso por mitigar-lhe o desapontamento que preveniu a mente no plano inferior.

Se o foi, dir-se-á, por que não a influenciou diretamente? é admissível que estivesse de todo impossibilitado de o fazer, e que a mediunidade do amigo fosse o canal único de que dispunha para transmitir o aviso. Ainda que indireto o método, conhecem os estudantes destes assuntos numerosos exemplos de comunicações idênticas em que foi impossível recorrer a outros meios.

Em outra ocasião o mesmo cavalheiro recebeu, por processo igual, o que parecia ser uma carta de outra amiga feminina, relatando a longa e triste história de sua vida. Mostrava-se ela em estado de grande aflição e dizia que toda a dificuldade tivera origem em uma conversa (*cujos pormenores expôs*) com certa pessoa, que a persuadira, contra seus próprios sentimentos, a adotar determinado comportamento. E passou a descrever como, pouco mais ou menos depois de um ano, teve início uma série de acontecimentos diretamente atribuíveis a esse comportamento e que culminaram na prática de um crime hediondo, arruindo-lhe a vida para sempre.

Como no caso precedente, logo que o nosso cavalheiro se encontrou com a suposta autora da carta referiu-se ao conteúdo desta. Nada sabia ela a tal respeito; e, sem embargo da forte impressão que lhe causaram as singularidades da história, convieram os dois em não lhe emprestar nenhuma significação.

Decorrido algum tempo e para grande surpresa da jovem, a conversa aludida na carta veio a realizar-se, sendo instada a assumir o comportamento cujo trágico desfecho fora prognosticado. Por certo que ela teria aquiescido, insegura de seu próprio discernimento, se não fosse a lembrança da profecia; e foi esta lembrança que lhe deu força para resistir com a máxima determinação, ainda que tal atitude causasse estranheza e decepção ao seu interlocutor.

Como não foi seguido o comportamento indicado na carta, o tempo da catástrofe vaticinada chegou e passou, sem nenhum incidente fora do normal.

Assim podia ter ocorrido qualquer que fosse o caso - objetar-se-á. Talvez sim. Entretanto, se nos lembrarmos de quanto exatamente foi cumprida a outra predição, teremos que admitir que a advertência transmitida pela carta provavelmente impediu a prática do crime. Se isso é verdade, está aí um bom exemplo de como podemos modificar o nosso futuro mediante o exercício de uma vontade firme.

O PENSAMENTO SIMBÓLICO

Outro ponto digno de atenção com referência à condição do ego quando ausente do corpo durante o sono é que parece ele pensar por meio de símbolos. Queremos dizer: o que em nosso plano seria uma idéia cuja expressão exigiria grande número de palavras, ao ego é perfeitamente transmissível através de simples imagem simbólica. Ora, quando um pensamento como esse vem a ser impresso no cérebro e lembrado na consciência de vigília, sem dúvida que precisa de tradução. Muitas vezes é a mente que executa essa função; mas em outras o símbolo não vem acompanhado de sua chave — permanecendo, por assim dizer, sem tradução; e então surge a confusão.

Muitas pessoas, no entanto, trazem desse modo os símbolos, e tentam aqui dar-lhes interpretação. Em casos assim, cada pessoa tem o seu próprio sistema de simbologia. A Sra. Crowe, em seu livro *Night Side of Nature* (pág. 54) escreve: "*Sei de uma senhora que sonha com um grande peixe sempre que está na iminência de sofrer um infortúnio. Sonhou uma noite que o peixe havia mordido dois dedos de seu filho. Imediatamente depois um colega do garoto lhe produziu um ferimento nos mesmos dedos com um pequeno machado. Encontrei várias pessoas que aprenderam, por experiência, a considerar determinado tipo de sonho como prognóstico certo de um infausto acontecimento*". Há, porém, alguns pontos em que estão de acordo muitos destes sonhadores; por exemplo, que sonhar com águas profundas significa um desgosto prestes a sobrevir, e que sonhar com pérolas é um sinal de lágrimas.

5. OS FATORES DOS SONHOS

Examinada assim a condição do homem durante o sono, vemos que são os seguintes os fatores capazes de influir na produção dos sonhos:

1. O ego, que pode encontrar-se em qualquer estado de consciência, desde a insensibilidade quase completa até o domínio total de suas faculdades, e que, ao aproximar-se desta última condição, vai entrando cada vez mais na posse de certos poderes, os quais transcendem os que geralmente possuímos em nosso estado normal de vigília.
2. O corpo astral, sempre agitado com turbulentas ondas de emoção e desejo.
3. A parte etérica do cérebro, pela qual passa uma incessante procissão de quadros sem conexão entre si.
4. O cérebro físico inferior, com sua semiconsciência infantil e seu hábito de expressar todos os estímulos em forma pictórica.

Ao dormirmos, o nosso ego se recolhe mais em si mesmo e deixa que seus corpos, mais livres, sigam seu próprio caminho; deve-se lembrar, porém, que a consciência desses veículos, separada, quando lhes é dado mostrá-la, é de caráter muito rudimentar. Se acrescentarmos que cada um daqueles fatores é então infinitamente mais suscetível às impressões de fora que em outros momentos, veremos não haver muita razão para estranhar que a memória de vigília (*uma espécie de síntese de todas as diferentes atividades que se verificam*) seja quase sempre confusa.

Vamos agora, com tais pensamentos em nossa mente, ver como os diferentes tipos de sonhos habituais devem ser expostos.

CAPÍTULO V

OS SONHOS

1.A VISÃO VERDADEIRA

A verdadeira visão não pode ser propriamente classificada como sonho; é um caso em que o ego vê a ocorrência de algum fato num plano superior da Natureza, diretamente ou por inspiração de uma entidade mais adiantada. Seja como for, tem o ego o conhecimento ou a percepção de coisas que o interessam, ou contempla alguma visão gloriosa e elevada que o estimula e fortalece.

Feliz o homem a quem semelhante visão advém com nitidez suficiente para abrir o seu caminho através de todos os obstáculos e fixar-se com firmeza em sua memória de vigília.

2. O SONHO PROFÉTICO

Este sonho deve ser também atribuído exclusivamente à ação do ego, que o prevê por si mesmo ou se inspira em algum acontecimento futuro para o qual deseja preparar sua consciência de vigília. É possível certo grau de certeza e veracidade nessa antevisão, conforme a capacidade do ego para captar os fatos e, tendo-os captado, imprimi-los no cérebro de vigília.

Às vezes o evento é daqueles que se revestem de aspecto grave, como a morte ou um desastre, sendo por isso óbvio o motivo do ego para a tentativa de gravá-lo. Em outras ocasiões, porém, o fato previsto não carece aparentemente de importância, e nos é difícil compreender por que o ego se preocuparia com o mesmo. Sem dúvida é sempre possível que, em tal hipótese, o fato recordado signifique apenas um pormenor mínimo de alguma visão muitíssimo mais extensa, não tendo o restante chegado ao cérebro físico.

É claro que muitas vezes o vaticínio tem caráter premonitório, e não faltam ocasiões em que a advertência tenha sido levada em consideração, vindo o sonhador a escapar da morte ou de um acidente. Em muitos casos o aviso é negligenciado, ou sua verdadeira significação passa despercebida, cumprindo-se a profecia. Em outros, há a tentativa de uma providência por causa da sugestão; mas, não tendo aquele que sonha o necessário domínio sobre as circunstâncias, estas afinal o conduzem, a seu pesar, à situação prognosticada.

São tão comuns histórias a respeito de sonhos proféticos, que o leitor facilmente as encontrará em quase todos os livros que versam esta matéria. Citarei um exemplo recente de W. T. Stead em *Real Ghost Stories* (pág. 77).

O herói foi um ferreiro que, trabalhando em uma fábrica, deixou-se apanhar por uma roda hidráulica. Sabia ele que a roda necessitava de reparo, e uma noite sonhou que, ao se encerrarem as atividades do dia seguinte, o gerente o deteve para fazer o conserto; que o seu pé escorregou e se prendeu na engrenagem, sendo gravemente ferido e mais tarde amputado. Pela manhã contou o sonho a sua mulher, e assentou consigo que estaria ausente quando fosse procurado para consertar a roda.

Durante o dia anunciou o gerente que a roda entraria em reparo logo após a saída dos operários, à tarde; mas o ferreiro resolveu afastar-se antes da hora. Foi para um bosque situado na vizinhança, e ali tencionava esconder-se. Ao chegar a um local onde havia certa quantidade de madeira pertencente à fábrica, surpreendeu um sujeito que furtava algumas peças da pilha. Partiu ao seu encalço com o intuito de apanhá-lo mas ficou de tal maneira excitado que chegou a esquecer-se inteiramente da resolução anterior; e, sem que se desse conta disso, regressou à fábrica justamente na hora em que os trabalhadores se retiravam.

Não podia esquivar-se à recomendação recebida. E, sendo o ferreiro mais categorizado da fábrica, cabia-lhe o trabalho na roda; mas decidiu que o faria com especial cuidado. Apesar de todas as precauções, seu pé escorregou, e foi apanhado pela engrenagem — tal como no sonho — com tanta infelicidade que ficou esmagado, obrigando-o a ser conduzido para a enfermaria de Bradford, onde a perna foi amputada acima do joelho. Desse modo, cumpriu-se integralmente o sonho profético.

3. O SONHO SIMBÓLICO

Também este é trabalho do ego, e em verdade quase pode ser definido como uma variante, de menos efeito, da categoria precedente, porquanto, afinal de contas, corresponde a uma tentativa do ego, imperfeitamente traduzida, no sentido de transportar uma informação até o futuro.

Noel Paton dá um bom exemplo desta espécie de sonho em uma carta escrita à Sra. Crowe e por ela transcrita no livro *The Night Side of Nature* (pág. 54). Vejamos:

"Este sonho de minha mãe se passou assim: achava-se ela em uma galeria comprida e escura; de um lado o meu pai, de outro a minha irmã mais velha, e a seguir eu próprio e o resto da família, por ordem de idade. . . Todos permanecíamos imóveis e em silêncio. Eis senão quando ele entrou — aquele algo inacreditável que, projetando na frente sua sinistra sombra, envolveu todas as trivialidades do sonho precedente numa sufocante atmosfera de pavor. Entrou furtivamente, descendo os três degraus que iam da entrada à câmara de horror; e minha mãe sentiu que era a Morte. Carregava sobre o ombro um pesado machado, e viera, assim imaginou ela, para destruir todos os seus filhinhos de um só golpe. Ao entrar o Vulto, minha irmã Alexes escapuliu-se da fila, interpondo-se entre ele e minha mãe. Aí o Vulto ergueu o machado e desferiu um golpe em minha irmã Catarina - golpe que minha mãe, horrorizada, não pôde interceptar, embora agarrasse um tamborete de três pés com essa intenção. Viu que não podia arremessar o tamborete sobre o fantasma sem atingir Alexes, que se precipitara entre ambos. . .

O machado atingiu o alvo, e Catarina caiu. . . Novamente o implacável Vulto brandiu o machado sobre a cabeça de meu irmão, que era o próximo da fila; mas nesse ínterim Alexes se escondera em algum lugar por trás do Fantasma, e minha mãe, soltando um grito de pavor, atirou-lhe na cabeça o tamborete. Então ele se desvaneceu e ela acordou. . .

Passados três meses, eu e meus irmãos fomos, todos, acometidos de febre amarela. Minha irmã Catarina faleceu quase imediatamente - sacrificada (conforme minha mãe supôs) pela extrema apreensão dela (minha mãe) quanto a Alexes, que parecia estar em perigo mais iminente. O sonho profecia fora em parte cumprido.

Eu também estive às portas da morte - desenganado pelos médicos. Minha mãe, porém, não perdeu a esperança, e confiava em minha recuperação.

Mas, quanto ao meu irmão, considerado em estado desesperador, e sobre cuja cabeça, ela, no sonho, vira um machado em pendência, os seus receios eram demasiado grandes; porque ela não se recordava de haver ou não sido consumado o golpe na ocasião em que o espectro desaparecera. Meu irmão restabeleceu-se mas teve uma recaída, e apenas escapou com vida. O mesmo não sucedeu a Alexes; durante um ano e dez meses a pobre menina padeceu.. . e eu lhe segurava a pequenina mão quando morreu. Eis como se realizou o sonho. É curioso observar a exatidão com que se verificaram os pormenores do simbolismo, inclusive na parte referente ao suposto sacrifício de Catarina para a salvação de Alexes, e a diferença no modo como ambas morreram.”

4. O SONHO NÍTIDO E COERENTE

Este sonho pode às vezes significar uma reminiscência, mais ou menos exata, de uma verídica experiência astral por que tenha passado o ego quando se encontrava fora do corpo físico adormecido. Ou, talvez mais freqüentemente, a dramatização, pelo ego, da impressão produzida por um insignificante som ou contato físico, ou ainda de alguma idéia passageira que lhe houvesse ocorrido. Exemplos deste último já os mencionamos; e do outro também existem muitos. Entre eles podemos incluir o caso relatado no livro *Dreams and Ghosts* (pág. 35) de Andrew Lang e que se passou com o conhecido médico francês Dr. Brierre de Boismont. Este o descreve por ciência própria:

"Miss C., uma dama de excelente bom senso, vivia, antes de casar-se, em companhia de seu tio D., famoso médico, membro do Instituto. Na época, sua mãe adoecera seriamente no campo. Uma noite a moça sonhou que a via, pálida e moribunda, tendo-se agravado o seu estado de saúde por motivo da ausência dos dois filhos, um que era vigário na Espanha, e o outro, a própria moça que morava em Paris. Ouviu então ser pronunciado o seu nome cristão Carlota I e viu no sonho as pessoas que rodeavam sua mãe trazendo-lhe sua pequena sobrinha e afilhada Carlota, que se encontrava no quarto contíguo. A doente deu a entender por meio de um gesto que não estava chamando esta Carlota, mas a sua filha de Paris.

No dia seguinte, a melancolia de Miss C. despertou a atenção do tio. Ela contou-lhe o sonho - e ele lhe revelou que sua mãe estava morta. Alguns meses depois, na ausência do tio, foi ela arrumar-lhe os papéis (os quais não gostava que ninguém tocasse), e no meio deles deparou com uma carta em que se relatava a morte de sua mãe, com todas as particularidades vistas no sonho. D. as ocultara para evitar que viessem a causar-lhe demasiado sofrimento."

Às vezes o sonho clarividente se refere a assunto muito menos importante que a morte, como no seguinte caso contado pelo Dr. F. G. Lee em *Glimpses in the Twilight* (pág. 108). Uma senhora sonhou que via o seu filho em uma estranha embarcação, parado ao pé de uma escada que dava para o andar superior. Pareceu-lhe pálido e cansado em extremo; e dizia a ela em tom aflito: "*Mãe, não tenho onde dormir*". Passado algum tempo, chegou uma carta do filho, que juntava um "*croquis*" da curiosa embarcação indicando o lugar da escada para o andar superior. Explicava também que um dia sobreveio uma tempestade (a ocorrência se deu no dia do sonho), que quase fez soçobrar a embarcação e cobriu literalmente de água a sua cama. Terminava a descrição com as seguintes palavras: "*Fiquei sem ter onde dormir*".

É claro que em ambos os casos acima os sonhadores, movidos por pensamentos de amor ou de ansiedade, haviam efetivamente viajado no corpo astral durante o sono até onde se encontravam os entes cuja sorte lhes interessava, e simplesmente testemunharam as ocorrências de que os mesmos participaram.

5. O SONHO CONFUSO

Este sonho, que é o mais comum de todos, pode ter várias causas, como já tivemos ocasião de dizer.

Pode ser apenas a impressão, mais ou menos fiel, de uma série de quadros sem conexão entre si e de transformações impossíveis produzidas pela ação

automática e sem lógica do cérebro físico inferior. Pode ser a reprodução de correntes de pensamentos ocasionais que hajam cruzado a parte etérica do cérebro; se nele tomam parte imagens sensoriais de qualquer espécie, deve-se isso à sempre agitada maré de desejos terrenos, provavelmente estimulados por influências ímpias do mundo astral. Pode ser devido a uma tentativa imperfeita de dramatização por parte de um ego não desenvolvido; ou a uma combinação inextricável de vários ou de todos esses fatores. O modo por que se processa semelhante combinação talvez se torne mais claro com a descrição sucinta de algumas das experiências sobre o estado de sonho levadas a cabo recentemente com a cooperação de investigadores clarividentes, membros da Loja de Londres da Sociedade Teosófica.

CAPITULO VI

EXPERIÊNCIAS SOBRE O ESTADO DE SONHO

O objetivo especial das investigações, parte das quais vou agora descrever, consistiu em descobrir se era possível impressionar o ego de uma pessoa comum, durante o sono, por forma suficiente a torná-lo capaz de recordar-se do que se havia passado, quando viesse a despertar.

Desejava-se também, na medida do possível, descobrir quais os obstáculos que habitualmente se antepunham a essa lembrança.

A primeira experiência tentada recaiu em um homem médio, de pouca instrução, e de aspecto exterior rude — um tipo de pastor australiano — cujo invólucro astral, que se via flutuando por cima do corpo, apresentava-se externamente como pouco mais que uma nuvem imprecisa e vaga.

A consciência do corpo sobre a cama mostrava-se confusa e carregada no tocante às partes densa e etérica da estrutura. A primeira, a parte densa, respondia até certo ponto aos estímulos de fora: por exemplo, o cair de duas ou três gotas de água fazia o cérebro evocar (*embora com alguma demora*), a cena de fortes bátegas de chuva; quanto à parte etérica do cérebro, era um canal passivo através do qual fluía uma corrente contínua de pensamentos desconexos, a cujas vibrações só esporadicamente respondia, assim mesmo parecendo fazê-lo com acentuada lentidão.

O ego, que pairava em cima, revelava o seu estado não-desenvolvido e de semiconsciência; mas o invólucro astral, conquanto impreciso e sem forma definida, dava sinais de grande atividade.

O corpo astral flutuante pode, em qualquer ocasião, deixar-se influenciar com facilidade pelo pensamento consciente de outra pessoa.

Fez-se, nesse caso, experiência no sentido de afastá-lo até curta distância do corpo físico na cama. O resultado, porém, foi que, ao afastar-se além de alguns metros, era visível o mal-estar de ambos os veículos — tornando-se necessário

renunciar à tentativa, pois um afastamento maior levaria o homem a acordar, provavelmente em estado de grande terror.

Certo cenário foi escolhido — um belíssimo panorama descortinado do alto de uma montanha tropical; e o operador o projetou com nitidez na consciência de sonho do ego. Este o captou e examinou, se bem que de maneira confusa e incompreensível. Depois de colocado à sua frente o cenário durante algum tempo, despertou-se o homem para ver se o recordava como sonho. Sua mente, contudo, nada absolutamente registrou a esse respeito, não trazendo ele a menor reminiscência do estado de sono.

Sugeriu-se que a corrente contínua de formas-pensamento estranhas, que lhe passavam pelo cérebro, constituía possivelmente um obstáculo, distraíndo-o e tornando-o impermeável às influências de seus princípios mais elevados. E por isso construiu-se uma concha magnética ao redor do seu corpo, a fim de impedir a entrada daquela corrente, tentando-se outra vez a experiência.

O cérebro, assim privado de seu alimento normal, começou pouco a pouco e como em sonho a repassar cenas da própria vida do homem no passado; mas, sendo novamente acordado, não se modificou o resultado: sua memória estava totalmente em branco, tal como no caso da cena antes apresentada diante dele, sem embargo de que tivesse uma vaga idéia de haver sonhado com acontecimentos de sua vida pretérita.

A essa altura foi a experiência abandonada por impraticável; era evidente que se tratava de um ego pouco desenvolvido e cujo princípio *kâmico* era demasiado forte para oferecer alguma possibilidade de êxito.

Outra experiência com o mesmo homem, em época posterior, já não representou um malogro tão completo. O cenário, preferido neste caso, era sobremodo excitante, consistindo em um incidente do campo de batalha, o que, tudo indicava, havia de exercer, naquele seu tipo de mente, influência maior que a da paisagem. Aqui o ego não-desenvolvido do homem mostrou um interesse que excedeu o do outro cenário; mas, quando o homem acordou, a memória estava ausente, e tudo quanto restou não passava de uma vaga impressão de que ele estivera combatendo - onde e por quê já o tinha esquecido inteiramente.

A experiência seguinte foi com uma pessoa de tipo bem superior - - homem de bom procedimento moral, inteligente e culto, com muitas idéias filantrópicas e

elevadas aspirações. Em seu caso o corpo denso respondeu instantaneamente à prova da água numa extraordinária cena de enorme temporal, o que, por seu turbo, repercutiu sobre a parte etérica do cérebro, despertando, por associação de idéias, uma série de cenas, vividamente representadas. Quando semelhante perturbação cessou, a corrente habitual de pensamentos começou a desfilar; observou-se, porém, que provocava no cérebro uma reação em escala muito maior, cujas vibrações eram igualmente muito mais fortes, iniciando-se em cada caso uma seqüência de associações, que não raro desviavam a corrente estranha durante considerável espaço de tempo.

O veículo astral apresentava contornos mais definidos em sua formação ovóide, e a matéria astral mais densa do interior era uma perfeita reprodução do corpo físico; e, quando os desejos se mostravam menos ativos, o próprio ego assumia um grau muito mais elevado de consciência.

O mesmo corpo astral, nesta experiência, podia afastar-se até à distância de várias milhas do corpo físico, sem aparentemente ocasionar a mais leve perturbação em nenhum deles.

Quando a paisagem tropical foi submetida ao ego, imediatamente este lhe deu a mais prazenteira atenção, admirando e contemplando suas belezas com todo o entusiasmo. Passado o êxtase no fim de algumas horas, foi o homem despertado; mas o resultado se revelou algo desapontador. Sabia que tivera um sonho magnífico, mas foi incapaz de recordar-lhe as minúcias, e os poucos e fugazes fragmentos que sua mente reteve eram simples remanescentes de divagações do próprio cérebro.

Repetiu-se mais tarde a experiência com o mesmo homem — e também com o primeiro — dispondo-se uma concha magnética em torno do corpo; e neste caso, como no outro, o cérebro principiou logo a elaborar cenas próprias. O ego recebeu a paisagem ainda com maior entusiasmo que no começo, reconhecendo-o incontinenti como o cenário que vira antes e apreciando-o em todos os seus aspectos e minúcias, com extática e total admiração pelos múltiplos encantos que oferecia.

Mas, enquanto ele ficava assim absorto na contemplação, aqui o cérebro etérico se entrelinha em recordar passagens de sua vida escolar, sobressaindo-se a que teve como palco um dia de inverno, quando o solo se cobriu de neve e ele e numerosos colegas atiravam bolas de neve uns sobre os outros no pátio da escola.

Depois que o homem acordou como de costume, o efeito foi extremamente curioso. Tinha ele a mais viva lembrança de que estivera no alto de uma montanha, contemplando uma vista maravilhosa, e conservava bem nítidos em sua mente os aspectos principais do panorama; mas, em vez de exuberante verdura tropical que conferia a riqueza à verdadeira perspectiva, vira ele as terras circundantes envoltas num manto de neve! E lhe pareceu que, enquanto estava sorvendo com profundo deleite as belezas do panorama que se descortinava à sua frente, subitamente se viu, por uma dessas bruscas transições tão freqüentes nos sonhos, jogando bolas de neve juntamente com antigos e esquecidos companheiros de infância, no velho pátio da escola, em que deixara de pensar havia tanto tempo.

CAPÍTULO VII

CONCLUSÃO

As experiências acima demonstram, sem sombra de dúvida e com clareza suficiente, como a lembrança de nossos sonhos é, na maioria das vezes, caótica e incoerente. Incidentemente explicam também por que algumas pessoas - em que o ego não está desenvolvido e são fortes os desejos mundanos de várias espécies -- nunca sonham, e por que muitas outras são capazes não raro (*quando favoráveis as circunstâncias*), de trazer uma confusa recordação da aventura noturna. Vemos, além disso, que, se um homem pretende colher em sua consciência de vigília os frutos do que o seu ego aprendeu durante o sono, é-lhe absolutamente necessário adquirir o domínio dos seus pensamentos, subjugar todas as paixões subalternas e afinar a mente com coisas nobres.

Se quiser dar-se à pena de formar, durante a vida de vigília, o hábito do pensamento firme e concentrado, não tardará em verificar que o benefício ganho por esse meio não se limita ao dia-a-dia de sua atividade. Que aprenda a conter sua mente — para mostrar que também é dono desta, assim como de suas paixões inferiores. Que se esforce com perseverança em adquirir o comando total dos pensamentos, a fim de saber a todo o tempo, com segurança, aquilo em que estiver pensando, e por quê; e verá que o seu cérebro, assim exercitado para ouvir tão-somente as sugestões do ego, ficará tranqüilo quando não em uso, e se recusará a receber, e fazer-lhes eco, as correntes ocasionais do oceano de pensamentos circundante. E desse modo já não será impermeável às influências dos planos menos materiais, onde o discernimento é mais apurado e o juízo mais verdadeiro que em nosso plano inferior.

A execução de um ato elementar de magia pode contribuir para ajudar algumas pessoas a adestrar a parte etérica do cérebro. As cenas que aí se desenrolam (*quando desviada a corrente de pensamentos de fora*) serão tais que, provavelmente, não obstarão a lembrança das experiências do ego mais do que o fluxo agitado dos próprios pensamentos; assim, o afastamento dessa corrente

impetuosa (*que encerra uma dose muito maior de mal que de bem*) significa um apreciável passo em direção ao objetivo desejado. E isso pode conseguir-se perfeitamente sem grande dificuldade. Que o homem, quando for deitar-se para dormir, pense na aura que o envolve e deseje com firmeza que a superfície dessa aura se converta em uma concha de proteção contra a invasão de influências estranhas: a matéria áurica obedecerá ao seu pensamento e formar-se-á realmente uma concha em seu derredor, evitando-se a corrente.

Outro ponto que tão incisivamente se evidenciou em nossas ulteriores investigações diz respeito à imensa importância do último pensamento na mente do homem ao cair no sono. Este é um aspecto que jamais açaode à grande maioria das pessoas, apesar de nelas influir tanto física como moral e mentalmente.

Temos visto quão passiva e facilmente se deixa o homem influenciar enquanto está dormindo. Se entra nesse estado com o pensamento voltado para coisas dignas e elevadas, ele, em conseqüência, atrai para perto de si elementais criados pelos pensamentos afins de outros seres humanos; o repouso é suave e tranqüilo, e a sua mente abre-se às impressões dos planos superiores e fecha-se para as inferiores — porque ele a está dirigindo para o trabalho no sentido correto. Se, ao contrário, entra no sono com pensamentos impuros e mundanos a lhe atravessarem o cérebro, atrai as criaturas grosseiras e más que se achem por perto, e o seu sono é agitado pelas ondas malélicas da paixão e do desejo, que o tornam cego às luzes e surdo aos sons procedentes dos mundos superiores.

Ao teosofista sincero cumpre envidar tudo o que estiver ao seu alcance para focar seus pensamentos no mais alto nível de que seja capaz, antes de imergir no sono. Para se lembrar de que, cruzando o que parece apenas ser o portal do sonho, talvez alcance dali a pouco admissão naqueles reinos maravilhosos onde, somente onde, é possível a verdadeira visão.

Se o homem perseverar em dirigir a alma para o alto, os seus sentidos internos afinal começarão a desenvolver-se; a luz dentro do santuário brilhará com mais e mais intensidade, até atingir a consciência plena e contínua. E então ele deixará de sonhar. Dormir, para ele, já não significará mergulhar no esquecimento, mas somente caminhar para frente, com alegria e decisão, no rumo daquela existência mais integral e sublime — onde a alma estará sempre aprendendo, ainda que todo o seu tempo seja dedicado ao serviço. Porque o serviço é o do grande

Mestre de Sabedoria, e a gloriosa tarefa que lhe foi confiada é a de ajudar sempre, até o extremo limite de suas forças, na obra que jamais termina — a obra dos Mestres, cuja finalidade é auxiliar e guiar a evolução da Humanidade.

NOTA de *The Theosophical Publishing House*: Mais investigações foram compendiadas nos livros do mesmo autor: *Os Chakras*. *O Homem Visível e Invisível*, *Vida Interna* e *O Outro Lado da Morte*.